



**GT – “GT12”: “Metodologia de pesquisa em estudos urbanos”**

## **Urbanização, cidade e cotidiano**

### **Habitats residenciais fechados e as transformações nas práticas espaciais e no uso da cidade**

Rizia Mendes Mares  
Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina  
rizia.mmares@upe.br

**RESUMO:** A proposta caminha na dialética triádica (forma-processo-significado), com o desafio de analisar a relação entre o cotidiano e as representações como expressão dos espaços vividos, ou seja, adentrar às dimensões da vida cotidiana reforçando o papel das representações no processo de produção e apropriação do espaço citadino, centrando nas práticas do habitar. Para tanto, propomos uma metodologia de análise nos estudos urbanos que tem a metáfora como intermediação para compreender os modos de reprodução das relações sociais. Foram analisados 21 sujeitos moradores de habitats residenciais fechados em 4 centros urbanos não metropolitanos do estado da Bahia. Identificou-se a um contexto mais profundo de separação, compreendido tanto nas estruturas espaciais, como, também, pelo conteúdo social e simbólico atribuído a estas, como um novo padrão de produção do espaço urbano.

**Palavras-chave:** Pesquisa qualitativa, Metáfora, Representações

#### **1. INTRODUÇÃO**

---

Em um contexto que se expande com a globalização e a consolidação da sociedade de consumo, marcada, cada vez mais, pelas relações de troca, impõe (novos) padrões condicionadores das relações, resultando em uma cotidianidade “moldada” por signos e (novos) padrões de comportamentos. Com o desenvolvimento das relações capitalistas de produção, muitas são as mudanças trazidas no bojo desse sistema e com essas há, também, alterações no espaço urbano.

São mudanças cada vez mais rápidas e profundas, dando origem a novos hábitos e valores, a um conteúdo diferenciado nas relações sociais, na reprodução da vida cotidiana, o

que supõe uma nova configuração espacial que comporte todas essas transformações e necessidades de reprodução e da vida humana, portanto, tem-se essa relação dialética entre formas e processos espaciais. Daí deriva uma configuração espacial (conjunto de formas espaciais em dado arranjo) que demanda e provém de uma regulação do uso solo pelo poder público ainda que, na atualidade, os agentes imobiliários detêm livre trânsito para operar essa “nova ordem” (Janoschka, 2002; Duhail; Giglia, 2016).

E, então, colocamo-nos o desafio já destacado por Serpa (2019, p, 106) de “recolocar as representações da sociedade em movimento, reestabelecendo a dialética entre forma e conteúdo”. Ainda que, de modo destacado desse autor, dedicamo-nos a elaborar um caminho metodológico como condição e possibilidade de leitura e interpretação dos complexos processos socioespaciais em curso na cidade contemporânea, logo, de compreensão dos processos de produção do espaço, por meio de uma linguagem própria da sociedade que o produz.

Temos por objeto avaliar em que medida a crescente busca por moradias em ambientes urbanos murados, com rígidos controles de segurança e equipamentos que simulam a esfera pública ou o espaço público na maneira de espaços de convivência programada no interior desses ambientes, pode reforçar o processo de diferenciação socioespacial. Também nos preocupamos em avaliar esse impacto quando tal procura não se restringia aos grupos sociais com maior poder aquisitivo, e que se enquadrariam em faixas de renda alta, por exemplo.

Nossa principal referência de dados e informações, nesta subseção, advém dos quadros elaborados com as características dos habitats residenciais fechados e, em especial, das entrevistas feitas com cidadãos das cidades baianas investigadas por Mares (2022). Os quadros são empregados contextualmente no âmbito espacial e de interrelações sociais, lidas por meio das práticas espaciais dos sujeitos entrevistados para a análise da vida urbana, que se dá, não apenas, considerando a forma espacial da cidade, mas, principalmente, elementos associados a um conjunto de significados construídos com base nas experiências no e desde o espaço urbano.

Assim, analisamos as representações que determinados sujeitos sociais expressam e constroem em dada realidade imaginada, concebida e vivida. Do ponto de vista instrumental, por meio de procedimentos e técnicas de pesquisa e, do ponto de vista interpretativo, entendendo a linguagem como recurso metafórico de análise relacional, cumulativa e situacional das experiências urbanas dos moradores de habitats residenciais fechados e do modo

como esses cidadãos entendem e se relacionam com o mundo, desde a condição espacial de residir nesse tipo de moradia e de reproduzir o *habitus* a ela atrelado.

## **2. HABITATS RESIDENCIAIS FECHADOS, PERCURSOS E A EXPERIÊNCIA URBANA**

---

A prática espacial, como ação e como dimensão analítica, constantemente faz emergir novos elementos que estão além de determinações materiais, requerendo um olhar mais apurado para o campo simbólico e subjetivo que não apenas dê conta de desvendá-los, mas também, tornar cognoscível o conteúdo imaterial que qualifica o espaço e, ao mesmo tempo, dele emerge. Tanto essa dimensão material, quanto a relação que se estabelece entre forma, conteúdo e representação são caminhos analíticos. No campo dos usos e apropriações, no entanto, além da noção de significado que se constrói desde o espaço e que encontra respaldo no conceito geográfico de paisagem, estabelece-se a questão das ambiências e vivências, associadas às práticas espaciais que se somariam ao que se expressa no âmbito das representações.

Como meio de interpretação do processo de produção das cidades baianas Feira de Santana, Vitória da Conquista e a aglomeração urbana Ilhéus e Itabuna, mais intimamente com a Teoria da Linguagem proposta por Lefebvre (1966), lidamos, nesta única seção, centralmente, com as metáforas, um dos processos que compõe o Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais – CIMR, com base em uma construção tridimensional que, de algum modo, anuncia a Teoria da Produção do Espaço desse mesmo autor (Lefebvre, 2013).

Em Mares (2019), debatemos, alicerçados em referenciais diversos, sobre os sentidos do habitar, tendo a dimensão afetiva como dado de análise sobre a experiência urbana, dando destaque para o papel do medo, como principal afeto acionado na produção da cidade contemporânea. Partindo de elementos que nos permitiram refletir sobre a passagem da lógica de uma cidade mais compacta, estruturada a partir da relação entre centro e periferia, para uma lógica fragmentária, cuja forma é a cidade dispersa e policêntrica, tem se conformado um contexto em que a diferença foi se tornando insuportável, a ponto de grupos sociais que se sentem ameaçados adotarem o discurso do medo e da insegurança para promoverem diversas maneiras de evitação, ao mesmo tempo que novas formas de habitat surgem e fomentam este mesmo afeto.

Já em Mares (2021) retomamos essa ideia, analisando como o modo de produzir a cidade tem fortalecido uma divisão social nas cidades baianas que estudamos a ponto de reproduzir novas separações nas estruturas urbanas e, principalmente, nas relações entre os cidadãos, passando a compor as suas subjetividades. Isso pode ser representativo de um novo tipo de rearranjo socioespacial da cidade com base nos modos de habitar, não apenas com certa ruptura do tecido urbano e complexificação das relações de sociabilidade.

Nesse sentido, entendemos que a análise crítica do espaço experimentado mostra que o espaço de experiência vivida não é uma simples moldura, nem uma forma neutra. Por isso, lançamos neste texto de uma ênfase a um dos quatro instrumentos metodológicos representacionais, a metáfora. O processo de metaforização é utilizado para jogar luz sobre dimensões subjetivas de difícil acesso e tratamento. Trata-se de mais um instrumento e modo de se apreender a dimensão social do imaginário do cidadão, expressando-se nas representações do espaço. As metáforas são aqui empreendidas como representação da experiência de habitação do(a)s sujeitos analisadas em quatro categorizadas: originalidade, diversidade, distinção e particularidade, eleitas com base na crítica à banalização da diferença proposta por Lefebvre (1972). Evidentemente, não se trata de tomar os elementos teóricos desse autor como modelos rígidos, fechados para enquadrar a problemática investigada. Mas, sim, de elaborar um caminho concreto possível de lidar com as imaterialidades da prática social(material).

No que toca à categoria da originalidade, essa refere-se às metáforas que aludem à representação do que era a experiência urbana que precedeu a ida para o habitat residencial fechado, ou, ainda, que os sujeitos já tivessem a mesma experiência de habitação intramuros, como se estabeleceram as relações de socialidade, vizinhança e apropriação do espaço cidadão desde a moradia atual. Com essa categoria busca-se averiguar não necessariamente o exato presente, o real e suas características, mas antes, dar um passo atrás às motivações iniciais, conflitos, problemas etc. Conforme a categorização proposta, é feita sua disposição em quadros, do conjunto total de 21 moradores acessados, o Quando 1 expõe um conjunto de metáforas categorizadas como *originalidade*.

Quadro 1. BAHIA – Metaforização Socioespacial		
ORIGINALIDADE		
Sujeito entrevistado	Metáfora	Significado
Luiz Carlos, 54 anos, casado, natural do interior da Bahia, licenciado na área de engenharia, servidor público federal, grupo familiar composto por 4 membros e renda familiar aproximada de 12 salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio Vivendas do Atlântico - Ilhéus onde mora há 7 anos, carro próprio.	<b>Princesinha do sul</b>	Eu acho, assim, Ilhéus, a princesinha do sul, não é? Eu acho assim, uma <b>cidadezinha aconchegante</b> , tem o <b>produto</b> carro chefe da cidade que é o <b>cacau</b> , não é? Que sempre está tendo eventos, feiras essas coisas, e a gente acha isso <b>importante</b> quando a gente vê o <b>produto da terra</b> assim.
Aleselma, 38 anos, solteira, natural do interior da Bahia, doutora na área de ciências humanas, trabalha em instituição de nível superior pública, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 9 salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio Viva Mais Papagaio – Feira de Santana onde mora há 1 ano, carro próprio.	<b>A princesa do sertão</b>	Eu acho que Feira é a princesa do sertão, princesa no sentido de <b>destaque</b> , não é? De estar nesse limite, nessa <b>área de transição</b> , essa <b>porta</b> . Ela é <b>importante</b> . Feira é a princesa do sertão.
Simone Moreira, 32 anos, casada, natural do recôncavo baiano pós-graduada na área de engenharias,	<b>A princesa do sertão</b>	Feira é conhecida como a “princesinha do sertão”, não é? Acho que de fato, cai bem para cidade como “princesinha do sertão”. Porque a gente tem aquela noção, eu tenho, de

<p>atuação técnica e na docência em instituição de ensino superior privada, grupo familiar composto por quatro membros e renda familiar aproximada de 11 salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio Viva Mais Papagaio – Feira de Santana onde mora há 4 anos, carro próprio.</p>		<p>princesinha ser aquela coisa jeitosa, que acaba <b>atendendo todas expectativas</b>. Então, a gente olha e fala, você é uma princesinha, porque você atende à muitas expectativas, muita coisa positiva. Então, eu acho que realmente caiu perfeitamente como a princesinha do sertão. Como eu te falei, eu acabo viajando esses 16 municípios o tempo todo e Feira de Santana <b>é um suporte, é o tudo</b> desse pessoal. Eu lido com as <b>pessoas mais afastadas, da zona rural, das áreas mais periféricas</b> da cidade mesmo, não só da zona rural. Ainda assim a zona rural, tem área que é mais periférica ainda. Então, eu acabo lidando muito com essas pessoas. Pessoas de <b>culturas diferentes, níveis sociais totalmente diferentes</b>. E aí a gente acaba tendo essa sensibilidade que muita gente está <b>buscando</b> Feira de Santana como uma <b>solução, um suporte, um apoio</b>. Por isso que acho que princesa do sertão cai certinho.</p>
<p>Jorge, 27 anos, casado, natural do litoral sul da Bahia, superior completo na área de ciências sociais aplicadas atuando na iniciativa privada na área comercial, grupo familiar composto por três membros e renda familiar aproximada de 6 salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio Parque Vitória – Vitória da Conquista onde mora há 3 anos, carro próprio.</p>	<p><b>Joia que precisa ser mais lapidada</b></p>	<p>Eu vou utilizar a frase que falam muito de Conquista, não é? Falam que Vitória da Conquista é a joia do sertão. Conquista é uma <b>cidade do interior</b>, mas que tem um <b>potencial de crescimento</b> enorme, só que tem que tomar cuidado com esse crescimento, como a gente já falou aqui, porque tem muitas <b>áreas que elas são bem desenvolvidas</b>, enquanto outras são muito soltas, muito <b>deixadas ao léu</b>. Aí eu vou ficar com essa aí, é uma joia que precisa ser mais lapidada ainda.</p>
<p>Fonte: Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais [Metáfora]. Elaboração: Mares (2022).</p>		

Concernente a um processo historicamente desigual que conformou o extenso território baiano e ao nível de articulação, organização e interação espacial dos centros urbanos, tem-se uma estrutura urbano-regional bastante hierarquizada. As cidades investigadas, Feira de Santana, Vitória da Conquista e a Aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna, comparecem nas representações dos sujeitos como aquelas detentoras de características como de fluxo de atração, intermediação e provedoras de bens e serviços urbanos à sua área de abrangência local-regional, ainda que haja distinções quantitativas e qualitativas no que tange à sua área de influência e conexões externas.

O processo de estruturação dessas cidades tem implicado/indicado numa relação entre permanências e mudanças, se considerarmos a manutenção de uma dinâmica agrária ainda bastante arraigada nas estruturas econômicas e comportamento social, mas, também, de uma nova reconfiguração intraurbana do trabalho pela inserção em uma economia capitalista globalizada (Sposito, 2017). Esses três tipos urbanos analisados por sua função de intermediação como cidades médias, conforme apontado por Sposito e Silva (2017, p.24), destacam-se no processo de urbanização do Brasil por conterem condições favoráveis aos padrões do regime de acumulação, que busca uma maior flexibilização em seus processos econômico-territoriais, sendo esse tipo de cidade um elemento fundamental nas “intermediações de processos de expansão e do consumo moderno, notadamente organizado em redes e por grandes companhias de capitais nacionais e internacionais.” (Sposito; Silva, 2017, p.24)

Atrelada ao extrato da urbanização, opera-se uma manipulação própria da operatividade simbólica (Hottois, 1992), que tem por base alusões quanto a certas qualificações como a de progresso,

de lugar de possibilidades, de desenvolvimento regional/nacional, o que, para Silveira (2002), somada a uma competitividade própria do mercado, explicaria o que a autora chama de guerras entre cidades para alocar capitais. Essas duas referências indicam a condição de cidade média no plano discursivo e no plano funcional, daí sua presença no campo metafórico, como indicado no Quadro 1.

Desse modo, necessário se faz considerar como o peso das alterações trazidas no bojo da urbanização interferiram na rede urbana e fizeram com que as cidades passassem a exercer novos papéis, contraditoriamente, também alterando o processo maior. Isto é, avaliar o modo como cada uma dessas cidades foi incorporada ao ciclo de reprodução do capital, na fase atual, em que ampliam-se as imposições do capital financeiro e, por outro lado, o capital produtivo, vinculado aos setores primários e secundários, que redefinem-se pela expansão do setor terciário, independente de superior, inferior ou marginal.

Também, há de se considerar o caráter temporal, da historicidade que não se descola quando lidamos com as mudanças na produção dessas cidades, especialmente como no caso da aglomeração urbana, mas especificamente, da cidade de Ilhéus, mas que se generaliza se considerarmos o processo de colonização (relações de poder), escravização (relações econômicas; distinção), cicatrizes profundas na formação socioespacial (Santos, 1977) do Brasil. São as memórias de tempos pretéritos e o compasso dinâmico do devir social conformando a dinâmica de produção dessas cidades.

Nesse sentido, “as formas espaciais seriam uma linguagem dos modos de produção” (Santos, 1977, p. 87) denotando as particularidades locais, apesar de o local tender a uma reprodução global. Por tratar-se de um processo desigual e excludente, produz um grupo de excluídos, como também fora notado na metáfora “é preciso ser lapidada”.

Em relação aos tempos sociais, Lefebvre (2021) afirma apresentarem uma diversidade de possibilidades, contraditórias, de um pretérito aparentemente rico e de revoluções as quais impõem bruscamente o novo conteúdo e, por vezes, passando a modificar a forma da sociedade. Associando a essa ideia, Gottdiener (2010) afirma que a produção do espaço não ocorre apenas por meio de processos econômicos estritos, mas sobretudo, por uma articulação conjunta do Estado e do setor privado, especialmente, os promotores imobiliários, como frentes mais atuantes nas transformações espaciais nas cidades contemporâneas.

Nesse sentido, trazemos o Quadro 2, com a categoria diversidade para reflexão dessas relações reveladas nas metáforas dos cidadãos. Com a categoria da diversidade, analisa-se as metáforas que aludem a uma dada descrição da experiência do habitar, de viver uma cidade como meio de captar o que se atribui como originalidade (em tese, essencial à diferença) nessa transformação na reorganização das funções urbanas e do habitat no bojo da urbanização contemporânea. O que poderia marcar essa passagem?

<b>Quadro 2. BAHIA – Metaforização Socioespacial</b>
--

DIVERSIDADE		
Sujeito entrevistado	Metáfora	Significado
<p>Alda, 45 anos, casada, natural do interior da Bahia, superior completo e atuação profissional da área de ciências da saúde, grupo familiar composto por 3 membros e renda familiar aproximada de 15 salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio Cidadelle House - Ilhéus onde mora há 2 anos, carro próprio.</p>	<p><b>A propaganda do condomínio “Venha viver o melhor”</b></p>	<p>Eu acho que independente do que eu falei, de questões que a gente ainda precisaria para ter uma cidade melhor, <b>eu sinto que eu vivo no melhor</b>. No melhor assim, que eu estou satisfeita com o que eu estou vivendo, poderia ser melhor, mas para mim, tenho minha família, tenho meu trabalho, tenho meu lazer, eu me sinto muito satisfeita. Em <b>termos de vida</b>, não tenho do que reclamar, não. <b>Satisfação de um modo geral.</b></p>
<p>Roberto Carlos, 54 anos, divorciado, natural de Salvador-BA, funcionário público efetivo em instituição de ensino superior pública - professor da área de humanidades, tem uma filha adulta, mora sozinho em apartamento alugado no condomínio Praias do Atlântico-Ilhéus onde mora há 4 anos, não possui carro, é ciclista e transporte público.</p>	<p><b>Ilhéus é como Gabriela banguela: bela, charmosa, mas com a boca fechada</b></p>	<p>Então, ela é como a Gabriela banguela, bela, charmosa, mas com a boca fechada. Deu um sorriso, aí pronto, <b>você vê a cidade</b>. No fundo, no fundo, a cidade ela <b>poderia ser realmente algo maravilhoso</b>, proporcionar ao morador da cidade algo a mais e, no entanto, ela <b>não oferece</b>. Você fica na expectativa que você terá e que se frustra quando percebe que você não vai ter <b>acesso</b> a isso, não vai aparecer isso na cidade ou, quando aparece, são <b>soluções políticas</b> que levam somente ao mais do mesmo e <b>não apresentam saídas transformadoras</b>. [...] São <b>maquiagens</b>, no fundo, no fundo são maquiagens. Você espera uma transformação e ela não vai acontecer. [...] Ilhéus ainda está <b>preso</b> em turismo <b>tradicional</b> e aquele turismo que vai com um guia: olha, aqui é a casa do coronel fulano de tal, aqui é a casa de Jorge Amado, aqui é a casa da Gabriela, vai mostrar essas coisas todas. [...] Então, por isso, de certa maneira, eu me sinto, eu digo que é uma Gabriela, você espera... quando a gente fala de Gabriela, nós sempre criamos essa imagem de uma mulher bonita, tá? Realmente quando eu li “Gabriela cravo e canela”, eu fantasiei uma mulher muito bonita, então, quando eu olho para Ilhéus e procuro a mulher bonita que é Ilhéus e eu vejo, quando ela começa a falar eu fico frustrado. Está banguela, não sabe falar direito, certo. Não se expressa direito, não tem uma opinião própria, não influencia como uma mulher forte como Gabriela influencia, ela não vai te influenciar, ela fica à mercê do que os outros dizem. Então, para mim, é uma mulher que deixa uma frustração. Porque mulher para mim não é só ser uma mulher bonita ela tem de exercer um forte poder sobre mim, o que eu agradeço, quanto maior o poder sobre mim, melhor ainda, tá? Porque eu não sou machista, longe disto. Mas, enfim, é isso. Apesar de fazer uma comparação feminista, mas é isso que eu vejo. Poderia ser, em vez de olhar a Gabriela banguela, poderia ser o Jorge Amado banguela, tá? Para mim tanto faz. E pode ser realmente o Jorge Amado banguela, tá? Eu fico frustrado com a cidade, poderia oferecer mais e não oferece, tem como oferecer mais e não oferece.</p>

<p>Luiz Inácio, 51 anos, casado, natural do interior da Bahia, superior completo na área de ciências sociais aplicadas, trabalho no ramo de marketing laboratorial, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 17 salários mínimos, privativa unifamiliar assobradada isolada, no condomínio Jardim das Hortênsias-Itabuna, onde mora há 2 anos, carro próprio.</p>	<p><b>Não consegue atrair para permanecer as pessoas que se destacam na cidade</b></p>	<p>Então, a gente vê que de Itabuna <b>sairam</b> grandes escritores, Jorge Amado saiu de Itabuna, saiu de Ilhéus, existe até essa rivalidade entre Itabuna e Ilhéus. Itabuna já saíram jogadores de futebol aqui dessa cidade. Então, eu lhe diria que Itabuna conseguiu <b>fazer grandes cidadãos</b>, mas, que esse cidadão se desligou totalmente de Itabuna. Talvez por faltar do que nós comentamos aqui, não é? Faltar lazer, faltar comércio, então, você vê, por exemplo, Aldair foi jogador da Seleção Brasileira, foi jogador do Flamengo, saiu daqui de Itabuna, mas, nunca voltou aqui. Saiu da região, deixou de ser jogador, mas não tem <b>nenhum vínculo</b> aqui. O próprio Jorge Amado saiu da região, mas não deixou vínculos aqui.</p>
<p>Sérgio, 54 anos, divorciado, natural de Feira de Santana/BA, superior completo na área de ciências sociais aplicada, funcionário público federal, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 10 salários mínimos, apartamento próprio no condomínio Vivendas Canto do Sol- Feira de Santana onde mora há 10 anos, carro próprio.</p>	<p><b>É uma cidade mãe</b></p>	<p>Feira de Santana, o que eu ia dizer, para mim é uma minha terra natal, <b>meu lar</b>, simplesmente, não é? E aqui eu <b>planejei</b> toda a minha vida. É uma cidade mãe, que cuida de mim. Aqui nada deixa faltar, <b>tem tudo</b>, como eu falei, todo suprimento, todas as especializações e <b>mão de obra</b> e tem tudo que eu necessito. <b>Não precisa eu ir para outra cidade</b> pra nada, é por isso é uma cidade mãe. Ela cuida de mim, me dá tudo que eu preciso, e tem tudo que eu preciso, é meu lar.</p>
<p>Rute, 61 anos, divorciada, natural da região Sudeste do Brasil, doutra na área de humanidades, professora de instituição de ensino superior pública, grupo familiar composto por um membro e renda familiar aproximada de 13 salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio Bosque</p>	<p><b>Trabalho</b></p>	<p>Feira, acho que não é só para mim, não, Feira é uma <b>cidade de trabalho</b>, as pessoas trabalham aqui, e só não sai para ter um lazer fora quem não pode, porque é muito comum aqui, muito comum, as pessoas têm casas ou geralmente em Salvador, geralmente apartamentos. Eu tive porque minha filha precisou, mas tem gente que tem, não tem nada em Salvador, não tem parente, não tem família, não tem filho, mas tem que ter um apartamento, porque vai muito, então tem quer ter uma estrutura lá, seja um apartamento maior, um apartamento menor, mas tem uma <b>estrutura montada lá</b>. Fica a casa de praia, é muito, muito comum. Vem aqui no <b>verão</b>, a cidade está <b>vazia</b>, você vem aqui no natal ainda tem gente aqui, mas passou o natal a cidade esvazia. E até mesmo as pessoas de <b>renda menor se mandam</b> e o lazer de praia é ilha, as pessoas <b>mais pobres</b> vão para o <b>Sul</b>, <b>que</b> eu não conheço, diz que era muito bonito, mas como cresceu desordenadamente e o <b>perfil das pessoa é muito bagunçado, que é muito desagradável</b>, é onde a população acessa, aí quem tem uma <b>condição um pouco melhor</b> vai pra Ilha, tem casas na ilha ou aluga, e</p>

<p>Imperial – Feira de Santana onde mora há 17 anos, carro próprio.</p>		<p>quem tem uma <b>condição maior aí é no litoral norte</b>, que tem propriedade ou aluga, ou vai para <i>resort</i>, pousada, esse tipo de coisa. Eu acho que as pessoas têm uma relação mesmo de trabalho, isso da <b>cidade ser um entroncamento rodoviário</b>, uma cidade que <b>nasceu de comércio</b>, comércio muito forte, muito forte, pessoas que os pais não são feirenses, mas vieram para cá e os filhos moraram aqui. Quando eu vim trabalhar em Feira, eu tinha quase 30 anos, era difícil você ver, um feirense. E tem gente que <b>vem e volta</b>, não aguenta, porque falta esse pertencimento. Bom, não tem “nascife” (risos), as <b>pessoas são muito fechadas</b> em suas <b>próprias bolhas</b>, em suas próprias famílias, não agregam o de fora, você entrar numa bolha dessa você tem que ser muito especial, por isso <b>criam-se outras bolhas</b> que são os de fora. E, quando não tem trabalho, oh, cai fora. Porque a cidade, <b>só vai te oferecer comércio, para você consumir</b>, compras, ou bar, bar, bar, não dá. Aí ninguém aguenta. Aqui é muito comum, muito comum. É porque Conquista é longe, para você entender, se Conquista tivesse <b>polarizada por uma cidade grande</b>, próximo, muito próxima, com uma estrada que são duas pistas e tal, tudo favorece. Mas, aqui, fica todo mundo de olho em Salvador. Aqui, também, é a única cidade de interior que eu morei na vida, não é? Quando eu vim pra cá era muito ruim, muito ruim de viver, melhorou demais, mas, <b>melhorou na infraestrutura</b>, mas na <b>mentalidade das pessoas, não</b>. É por isso que não dá, a gente não consegue ter muitas relações interpessoais, sabe? Não consegue. Aí, Salvador está aí, né, pertinho (risos). É muito fácil você acessar. Daqui você vai para Juazeiro e Petrolina, é uma delícia ir para o rio, você vai para a chapada, você vai pro sertão, por aqui passa tudo, você vai para Conquista, Minas, São Paulo, tudo passa aqui, <b>rotas de fuga</b>.</p>
<p>Romário, 42 anos, solteiro, natural do interior da Bahia, superior incompleto, funcionário público federal, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de seis salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio Accqua Ville – Feira de Santana onde mora há 4 anos, carro próprio.</p>	<p><b>Amor e ódio</b></p>	<p>Eu acho que essa define bem, <b>eu gosto</b> da cidade, gostaria de <b>melhorar</b> ela de alguma forma, eu contribuo fazendo a minha parte como <b>cidadão</b> e agindo da melhor forma possível, não perfeito, não é? Mas da melhor forma possível. Então, eu gosto da cidade, gostaria de vê-la melhor, mas, eu <b>gosto também de sair dela</b>, eu me <b>estresso</b> muito no <b>trânsito</b> de Feira, com as <b>pessoas</b> de Feira, o <b>jeito</b> das pessoas se relacionarem, estranho. Hoje eu estava conversando com meu sobrinho, é muito mercantilista as relações aqui, até as <b>relações elas são bem mercantilizadas</b>. Feira, isso é um ponto que chama a atenção, você sai para tomar uma cerveja com a menina pensando em algo ela já está pensando na faculdade, na academia, na sandália de presente, isso é uma coisa bem característica também, é uma <b>cidade comercial</b> (risos).</p>
<p>Suzane, 50 anos, divorciada, natural de Vitória da Conquista, superior completo na área de engenharia com atuação profissional na mesma área, grupo familiar formado por uma pessoa e renda</p>	<p><b>É uma máquina que não para</b></p>	<p>Eu acho que seria mesmo a questão de uma <b>cidade</b> que está em <b>constante evolução</b>, sabe? Conquista está <b>desenvolvendo</b> cada vez mais. A gente faz até um comparativo agora com a <b>construção civil</b>, a gente pensou que Conquista ia parar. Conquista <b>não parou</b>, Conquista não parou de jeito nenhum. Tem empreendedor aí que está fazendo 3, 4 condomínios do ano de 2019 para agora, entendeu? Eu acho mesmo que seria a questão do desenvolvimento dentro de Conquista. É uma máquina que não para. Entendeu? E não é só da construção civil, como eu falei para você, é <b>comércio</b>, é <b>indústria</b>, é <b>tudo</b>.</p>

familiar aproximada de 4 salários mínimos, apartamento próprio no condomínio Jardim Guanabara – Vitória da Conquista onde mora há 1 ano, carro próprio.		
Fonte: Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais [Metáfora]. Elaboração: Mares (2022).		

Tem-se uma ampliação dos papéis administrativos dessas cidades, sobretudo, por serem estratégicas nos suprimentos de demandas sociais locais-regionais. Logo, é considerar essas cidades como estratégicas, tanto do ponto de vista da descentralização e da tomada de decisão, do acompanhamento, mas, também, promover e garantir a acessibilidade das pessoas das cidades pequenas para essas cidades estratégicas.

Logo, os apontamentos relatados pelos moradores, ao fazerem suas analogias à cada cidade, permite-nos assinalar que as dinâmicas locais empreendidas justificam-se pelo nível hierárquico a qual pertencem, espaços urbanos não metropolitanos, com situação geográfica favorável tanto pensando a polarização regional no favorecimento e impulso ao consumo, característicos aos três tipos urbanos, como também, do ponto de vista da logística. Se considerarmos que o modelo rodoviarista é uma característica da dinâmica urbana das cidades brasileiras, conforme afirma Legroux (2021, p.4), “este sistema participa de morfologias urbanas segregadas e fragmentadas, porque, paradoxalmente, estas infraestruturas que “conectam” fragmentos, criam inúmeras barreiras físicas e linhas que cortam literalmente o espaço físico.”

Ao tratar dos impactos do modelo rodoviarista, esse autor destaca a intensificação de rupturas, descontinuidades, fragmentos, dispersão urbana que, somados a um modo de vida em que o padrão dominante de acessibilidade no espaço citadino, prioriza a garantia de acesso a áreas especializadas e parcelando o cotidiano. Condição bem marcante nos exemplos das cidades de Feira de Santana e Vitória da Conquista que, além de marcar uma segmentação físico-material, estrutura, de modo também segmentado, as relações de sociabilidade, como destacado por Mares e Whitacker (2019, p. 231), “tem-se a produção de formas espaciais de consumo distintivo, representação da canalização de interesses de agentes fundiários, imobiliários e do próprio Estado, os quais, no ato de produzir a cidade, promovem um “corte” pelo estrato de renda que indica o perfil de quem consome ou se apropria de determinadas áreas”.

Os interesses de valorização imobiliária agem duplamente na produção do espaço em razão dessas lógicas locais promoverem um processo de reestruturação da cidade e, associado a isso, influenciarem na segmentação das práticas espaciais, da sociabilidade, das representações. Como aponta Jovchelovitch (1995), muitas práticas espaciais são materializações de uma dada produção simbólica, concretizada nas representações sociais, na vida social.

Para Sposito, (2017), tais dinâmicas promovem uma extensão do tecido urbano para além da cidade, o que é representativo do período contemporâneo, isto é, a produção de uma cidade dispersa (forma) e uma urbanização difusa (processo), expressando-se em uma estrutura urbana-regional tendencialmente reticular, como descrito por Figueiredo (2019) para o caso da implementação de espaços residenciais fechados na cidade de Feira de Santana. Esse tipo de rearranjo e surgimento de novas áreas complexifica a estrutura das cidades, alterando os fluxos, áreas de interesse e, por conseguinte, promove uma ampliação das distâncias, físicas e simbólicas, já que nos referimos a um processo que favorece conflitos nas relações de integração e sociabilidade, tensionando a convivência com as diferenças.

Um elemento importante nesse processo se dá pela reorganização das funções urbanas e do habitat, isto é, esta tipologia de moradia atua desconstruindo a ideia do habitar e da cidade contra o que se conhece e se vivencia como vida urbana (Lindón, 2006). Para essa autora, trata-se de uma desconstrução produzida, sobretudo, enquanto vida social e simbólica, de uma vida urbana imbricada nas formas espaciais. Nesse sentido, apresentamos no Quadro 3, a categoria da distinção.

Distinção é outra categoria pensada para fazer referência ao que marca essencialmente a opção por morar em habitats residenciais fechados, a um modo de pensar, a um modo de vida (pretendida? vivida? simulada?), a uma ética e a uma estética. Trata-se de categoria com a qual se busca reflexionar o distanciamento pretendido de uma realidade outra (externa; anterior; indesejada; inesperada) com a qual a [nova] forma de habitar supõe fazer distinção, ou, antes, um simulacro ou simulação (Baudrillard, 1991) de adjetivos associados a classes e grupos sociais.

Quadro 3. BAHIA – Metaforização Socioespacial		
DISTINÇÃO		
Sujeito entrevistado	Metáfora	Significado
Bell Hooks, 44 anos, divorciada, natural do interior de São Paulo, Doutora, professora em instituição de ensino superior pública na área de Humanidades, grupo familiar composto por quatro membros, sendo duas crianças em idade escolar e renda aproximada de 10 salários mínimos, reside em casa privativa unifamiliar assobradada isolada própria no condomínio Parque Universitário – Ilhéus, onde mora há 4 anos com seus dois filhos, possui carro próprio.	<b>Escravidão no Brasil</b>	A partir da minha <b>experiência de habitação</b> em Ilhéus eu conheço a história da <b>escravidão no Brasil</b> . Eu comecei a estudar e entender melhor o que a gente falava sobre a escravidão no Brasil quando eu cheguei em Ilhéus. Nas <b>relações sociais</b> , na <b>organização do espaço</b> , no <b>machismo</b> , sabe? Uma série de <b>resquícios</b> que a gente encontra todo dia <b>andando pela cidade</b> de Ilhéus. Aquela pseud. <b>elite</b> que se acha <b>branca</b> , mas não é, se acha <b>rica</b> , mas não é. Que é justamente <b>a elite do atraso</b> se a gente vai usar um termo referente à classe dos feitores que está <b>modernizada</b> . É isso. Aí em Ilhéus é muito mais evidente que qualquer outra cidade que eu já morei antes daqui.

<p>Casagrande, 26 anos, em união estável, natural do litoral sul da Bahia, estudante de doutorado na área das engenharias, professor da educação básica, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 8 salários mínimos, reside em casa privativa unifamiliar assobradada isolada alugada no condomínio Parque Universitário – Ilhéus, onde mora há 4 anos, carro próprio.</p>	<p><b>Perfumezinho com o nome coronel</b></p>	<p>Metaforicamente eu acho que eu colocaria ainda os <b>coronéis dominando</b> tudo. Eu colocaria isso, que o cheiro, eu colocaria aqui um perfumezinho com o nome <b>coronel dando odor pela cidade toda</b>, acho que é isso, colocaria nas <b>ruas</b>, colocaria esse perfumezinho, colocaria esse perfumezinho em todos os ambientes: <b>lojas, ruas, desenho de ruas</b>, em tudo eu colocaria o cheiro do coronel, Que <b>acabou o cacau</b>, acabou, mas o <b>ranço ficou</b>. Então, assim, de <b>achar que pode tudo</b>, de achar que é sempre certo, de achar ... eu acho que essa seria a metáfora para Ilhéus.</p>
<p>Fagner, 69 anos, casado, natural de Ilhéus, ensino médio completo, aposentado, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 8 salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio Vivendas do Atlântico - Ilhéus onde mora há 15 anos, carro próprio.</p>	<p><b>Uma ratoeira</b></p>	<p>Aqui é um <b>final de linha</b>. Sabe porque Ilhéus não tem muito assalto? Assalto (risos) se eles vierem, eles vão entrar por Itabuna, não é? eles vão entrar por Itabuna e para sair, tem que sair por Itabuna também. Uma <b>ilha</b>, não é? Na verdade, nós somos uma ilha, <b>uma caixa. Ilha dos coronéis, sociedade fechadas</b>, ela é fechada, aquela coisa de <b>um nome</b>, eu sou neto do barão, eu sou ... e tal. Porque aqui era, como é? A terra do cacau, não é? Recentemente perdeu essa condição.</p>
<p>Marrone, 45 anos, casado, natural de Salvador, superior completo na área de ciências sociais aplicadas, funcionário público federal, grupo familiar composto por três membros e renda familiar aproximada de 26 salários mínimos, apartamento alugado no condomínio Senador Life-Feira de Santana, onde mora há menos de um ano, carro próprio.</p>	<p><b>Pretendia ser Paris</b></p>	<p><b>Paris</b> tem a igreja tal, e aqui tem a Senhor dos Passos, Paris tem a Torre Eiffel, aqui tem a torre do Tomba que é “altona”. Aí fala Paris tem a Champs-Élysées e aqui tem a Getúlio Vargas grandona assim. Aí ele <b>compara</b> bastante. Foi no jornal Correio da Bahia que o cara comparou assim e o pessoal daqui não gostou não, a comparação. Eu achei extraordinária a comparação dele, foi bem inteligente, ele falava que <b>não é porque o poder público não quer</b>, ele estava dizendo. Pessoal achou que foi uma chacota, mas ele falou que a igrejas aqui ele achava tão bonita quanto as de lá, mas que o pessoal daqui dava <b>valor</b> a de lá, que a Getúlio Vargas que ele falou poderia ser melhor organizada aqui e tentar ser igual de lá com várias lojas, concessionárias grandes assim. Aí no natal hoje já tão fazendo tudo iluminado a cidade, ai ele falou o natal luz já chegou perto. Aí ele fez várias comparações assim, algumas são esdrúxulas, mas outras são coisas assim para se pensar, entendeu. Foi no jornal o Correio da Bahia, o pessoal daqui não gostou não, mas, foi bastante inteligente, foi em termos de chacota assim eu acho, mas ele pegar os locais assim, lá tem a Torre Eiffel e aqui tem a torre Tomba que você vê de qualquer lugar, aqui tem tal igreja, igreja lá, uma cidade com duas paralelas grandes, a Presidente Dutra e Getúlio Vargas, e <b>ninguém dá valor</b>, e arborizadas, mas ninguém dá valor, não dá valor <b>porque é Feira de Santana</b>.</p>

Noberto, 30 anos, casado, natural de Vitória da Conquista/BA, superior completa na área de engenharias mesma área de atuação técnica, grupo familiar composto por três membros e renda familiar aproximada de 13 salários mínimos, apartamento próprio no condomínio Ouro Verde – Vitória da Conquista onde mora há 4 anos, carro próprio.	<b>Suíça baiana</b>	Tem uma coisa que o pessoal fala muito de Conquista que é aquela questão da “Suíça baiana”, eu acho que tem a ver, sim. Tem muito a ver.
Janio, 29 anos, casado, natural do interior da Bahia, ensino médio técnico completo, profissional da área ambiental, grupo familiar formado por três membros e renda familiar aproximada de 5 salários mínimos, apartamento próprio no condomínio Parque Vitória Sul – Vitória da Conquista onde mora há 1 ano, carro próprio.	<b>Suíça baiana</b>	Conquista fala que é a suíça baiana, não é? Eu acho que seria isso.
Fonte: Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais [Metáfora]. Elaboração: Mares (2022).		

O Quadro 3 traz mais elementos que nos ajudam em nossa argumentação na defesa de que, com as transformações das formas de habitar pela reorganização das funções urbanas e do habitat, as práticas espaciais do habitar nas cidades investigadas são uma expressão da desigualdade e enfraquecimento da experiência urbana, culminando em formas mais radicais e profundas de apartação socioespacial. Numa tentativa de contextualizar essas transformações na América Latina e o objetivo em compreender a diferenciação socioespacial com base em nossas especificidades, Sposito (2019) aponta como princípio considerar que as desigualdades são parte da nossa histórica e base social da apropriação do território pelo processo de colonização.

Se consideramos esse retorno ao passado para explicar os acontecimentos presentes, as metáforas indicadas no Quadro 3 são bastante elucidativas do que poderia marcar, essencialmente, o pano de fundo desses processos contemporâneos de segmentação, hierarquização e fragmentação socioespacial. Tomando por referência que as desigualdades sociais são a base social de apropriação do território e essencialmente constitutivas da sociedade, tem-se o capitalismo industrial monopolista como uma barreira para uma pretendida equidade em um contexto como o do Brasil, de uma dependência econômica neocolonial, atrelado à problemática do desenvolvimento desigual e combinado. Sobre isto Gonzales (2020) destaca,

Três processos de acumulação qualitativamente distintos coexistem na formação econômica brasileira e dão a marca da sua complexidade: capital

comercial, capital industrial competitivo e capital industrial monopolista. A presença desses três processos de acumulação, sob a hegemonia do capital monopolista, remete-nos ao fato de que o desenvolvimento desigual e combinado acaba por integrar momentos históricos diversos. (Gonzales, 2020, p.45).

Nesse sentido, Almeida (2018) afirma que, em se tratando da formação econômica brasileira, é necessário considerar as reações entre trabalho assalariado e trabalho escravo como estrutural e dialeticamente integradas. Para esse autor, por meio da conjugação nacionalismo/racismo, o sistema capitalista cria distintas formas de unidades contraditórias na constituição de sociedades como o Brasil. Para Almeida (2018):

A ordem produzida pelo racismo não afeta apenas a sociedade em suas relações exteriores – como no caso da colonização –, mas atinge, sobretudo, a sua configuração interna, estipulando padrões hierárquicos, naturalizando formas históricas de dominação e justificando a intervenção estatal sobre grupos sociais discriminados, como se pode observar no cotidiano das populações negras e indígenas. (Almeida, 2018, p. 178).

Nesse sentido, o racismo constitui a política e a economia, isto é, é fator estrutural que organiza as relações econômicas e políticas fazendo com que o racismo seja marcador estruturante da formação socioespacial do território brasileiro. Enquanto uma ferramenta do capitalismo, racismo torna-se uma eficaz tecnologia de controle social, nas palavras de Almeida (2018):

Isso significa dizer que a desigualdade racial é um elemento constitutivo das relações mercantis e de classe, de tal sorte que a modernização da economia e até o seu desenvolvimento podem representar momentos de adaptação dos parâmetros raciais a novas etapas da acumulação capitalista. Em suma: para se renovar, o capitalismo precisa muitas vezes renovar o racismo, como por exemplo, substituir o racismo oficial e a segregação legalizada pela indiferença diante da igualdade racial sob o manto da democracia. (Almeida, 2018, p. 184).

Ainda que nossa compreensão considere o racismo como estruturante da realidade socioeconômica do Brasil e um marcador estruturante e não um recorte temático para problematizar determinado tema, não adentraremos ao denso e necessário debate. Fez-se uma aproximação aqui em virtude de ter comparecido nos relatos de moradores dos habitats residenciais fechados, ora de modo mais velado, escapando por entre descrições de uma população do entorno indesejada, apontada por um agente bem-informado, um síndico, ora mais direto como no caso da metáfora em depoimentos quando no momento de entrevista acerca de questões sobre conflitos internos na relação social condominial e sobre acesso a serviços como educação, conforme trechos de entrevistas descrevem:

**SOBRE O TEMA DA INSEGURANÇA NA CIDADE**

Assim, deixa eu só acrescentar uma coisa aqui na parte de insegurança, é outra coisa que eu penso. O namorado da minha filha, meu genro, que está até morando aqui, ele é negro, e as vezes, por exemplo, quando ele sai daqui de casa tarde para algum lugar, eu tenho essa

insegurança de voltar para casa dele que é um bairro mais distante, eu tenho essa insegurança, sabe? Que eu falo, Ana [nome fictício], é melhor João [nome fictício] ficar aqui, dormir aqui. Porque é uma insegurança, não é? Em relação à própria polícia, inclusive, sabe? [pesquisadora: o perfil, no caso, colocando essa questão racial, o perfil do condomínio, então, é branco?] A maioria é branco, acho que tem pouco, tem negro que mora aqui, mas são poucos, são poucos, têm poucos negros. A maioria é essa classe ... tem muito médico, muito advogado, muito empresário, sabe? Que são as pessoas que começaram a morar aqui de uns anos para cá. Quando eu mudei o perfil era diferente era bancário, professor, servidor público, e aí, depois que foi valorizando muita gente vendeu, foi saindo e vem morando outras pessoas, não é? Foi mudando o nível e é isso.

*Tereza Cristina, 45 anos, divorciada, natural do interior de Minas Gerais, ensino superior completo na área de engenharia, aposentada, grupo familiar composto por 3 membros e renda aproximada de 3 salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio GreenVille-Vitória da Conquista onde mora há 12 anos, não dispõe de nenhum meio de transporte individual próprio.*

#### EXPLICAÇÃO SOBRE O CROQUI DA CIDADE

Eu acho Itabuna uma cidade de extremamente pobre. Eu, quando mudei para Itabuna, eu nunca me senti realizado em morar em Itabuna. Sempre achei Itabuna cidade insegura, uma cidade que não oferece lazer, a área de lazer de Itabuna é muito ruim, eu acho a própria educação. Eu sempre fui um crítico, eu acho que a educação de Itabuna ela está abaixo do necessário de conhecimento de Itabuna. Alguns anos atrás era muito pobre a nível Educacional, nós sempre tivemos UESC aqui que é uma faculdade que divide Itabuna e Ilhéus, tínhamos alguns cursos, mas que ficava, assim, muito restrito. Itabuna veio ter faculdades particulares, faculdades aos quais proporcionam maior acesso. Eu tive uma dificuldade, meus filhos, quando terminaram o segundo grau por terem feito esse estudo todo em colégios particulares, aí eles ficavam fora do sistema de cotas da faculdade pública e não se tinha faculdade particular. Então você faz vestibular e muitas vezes você vê que seu filho ficou de fora pelas costas. Eu sempre fui um crítico ferrenho ao sistema de cotas porque voltando um pouco no tempo quando eu estudava, os melhores colégios eram os colégios públicos o meu segundo grau eu fiz em colégios públicos não porque meus pais não poderiam pagar os particulares, mas que o público era considerado o melhor. Então aí você vai sistema de cota aí você se sente penalizado como eu me senti por ter bancado os estudos dos meus filhos, dos meus dois filhos em um colégio particular para que ele estivesse um conhecimento melhor e aí eles passaram a ser penalizado por causa desse processo, eles ficavam fora de um processo de cota por ter estudado em colégio particular.

*Luiz Inácio, 51 anos, casado, natural do interior da Bahia, superior completo na área de ciências sociais aplicadas, trabalho no ramo de marketing laboratorial, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 17 salários mínimos, privativa unifamiliar assobradada isolada, no condomínio Jardim das Hortênsias - Itabuna onde mora há 2 anos, carro próprio.*

A aproximação aqui feita justifica-se, ainda, por compor o argumento de que a desigualdade social é aprofundada no processo contemporâneo de produção do espaço urbano, refletindo nestes espaços as formas resultantes das desigualdades. Reforça-se a condição estruturante dessas desigualdades o marcador racial, sob ordenamento do Estado no capitalismo como mantenedor da liberdade e igualdade formais e a proteção da propriedade privada: “O papel do Estado no capitalismo é essencial: a manutenção da ordem – “garantia da liberdade e da igualdade formais e a proteção da propriedade privada do cumprimento de contratos - e a “internalização das múltiplas contradições”, seja pela coação física, seja por meio da produção de discursos ideológicos justificadores da dominação.” (Almeida, 2018, p. 72).

O privilégio racial é uma característica que marca a sociedade brasileira efetivamente expressa por uma divisão racial do trabalho (Gonzales, 2020). A sociedade escravista definiu o negro como raça, delimitando o seu lugar, o modo de tratamento, de interação, instituindo a correlação do negro a uma posição social inferior. Esta definição inferiorizante define a inserção dos negros no sistema ocupação das cidades (Souza, 2021). Trata-se de um impacto perverso na constituição socioeconômica e cultural da realidade brasileira, não só como cicatrizes deixadas pela escravidão e colonialismo, mas com implicações que perduram na contemporaneidade como produto do capitalismo avançado e da racionalidade moderna, pois, “a escravidão e o racismo são elementos constitutivos tanto da modernidade, quando do capitalismo, de tal modo que não há como desassociar um do outro.” (Almeida, 2018, p. 183).

No plano macro, todas essas expressões da desigualdade direta ou indiretamente estão incluídas nessas novas formas de interpretar a segmentação social e espacial. Para os casos estudados por Sposito e Góes (2013), no interior do estado de São Paulo, o contexto dos depoentes apresenta similitude com os relatos dos entrevistados nas cidades da Bahia, como um histórico de vida pautado na ascensão social, associação a uma caráter diferencial, distintivo, redefinição de práticas e valores, de uma marcada referência condicional de espaço cidade-habitat residencial fechado(o fora e o dentro), de tempo (antes e o agora), distância (habitat/centralidade), a ideia do outro (externo/diferente/evitado) construída pelo morador entrevistado e não esse outro que se constrói com relação ao discurso do medo.

Refletem as práticas socioculturais nas quais as preferências estéticas e de consumo simbólico constituem, essencialmente, os ritos de identificação da vida social estabelecida desde a opção por viver nos habitats residenciais fechados. Trata-se do que, conforme depoimentos dos moradores entrevistados, a rotina com a nova vizinhança impõe-se como regra e como pertencimento a um dado meio, ou classe. A frequência e apropriação do espaço citadino passa a ocorrer de modo mais selecionado, restritivo e hierarquizado.

O Quadro 4 conclui a seção com a categoria particularidade. A categoria particularidade se estabelece na relação entre o particular e o diferente, na passagem de um para o outro. Trata-se de um movimento que não se realiza apenas no pensamento, isto é, requer consciência, demanda ações, diz-se de particularidades que, em conflito/embate/discursos com processos homogeneizadores, podem sucumbir e ceder. Mas, também, contém o movimento e desse a possibilidade da novidade no correr de atos e frequência ativa.

<b>Quadro 4. BAHIA – Metaforização Socioespacial</b>		
<b>PARTICULARIDADE</b>		
<b>Sujeito entrevistado</b>	<b>Metáfora</b>	<b>Significado</b>

<p>Lourdes, 66 anos, natural do interior da Bahia, divorciada, pós-graduada e atua profissionalmente na área da saúde e também ensina em instituição de ensino superior pública, grupo familiar composto por 3 membros e renda familiar aproximada de 10 salários mínimos, reside em casa privativa unifamiliar assobradada isolada própria onde mora há 5 anos, carro próprio.</p>	<p><b>Uma livraria dessas que tem café, torta</b></p>	<p>Já foi numa livraria Saraiva em Salvador? Então, seria uma livraria desses que tem café (risos) torta, mas, enfim, tem livros, tem cores, tem coisa para você ver, etc. e todas as coisas que eu componho você teria no livro, não é? Teria livro de músicas, teria livros sobre viagens, alguma coisa assim, então se pensasse em uma alegoria, uma coisa que condensasse tudo seria uma livraria, uma livraria dessas grandes que inclusive tivesse uma área de lazer, que tem banquinhos para as crianças desenharem, então, tem algumas coisas assim. Porque uma livraria também tem os livros romances trágicos, também tem as perdas, os medos, tem essas coisas todas, o livro compõe todas essas coisas. porque a primeira coisa que passou eu ia dizer o circo, mas circo pode estar contaminado primeiro porque minha filha vai fazer o aniversário de meu neto de um ano de circo, nós saímos ontem para ver coisa de circo e depois porque circo não se enquadra porque circo é só uma fantasia, é tudo assim ensaiado com antecedência. <b>E a vida não é ensaiada, é uma coisa que pode encontrar e não pode encontrar.</b> Então, em uma prateleira ali se encontra um livro, uma tragédia, noutra você encontra Marx, outra você encontra um livro de política social, enfim, está tudo ali, e tem representações de vida, histórias de vida, biografia. Acho que uma livraria desses grandes que tem que ter café e torta (risos).</p>
<p>Tereza Cristina, 45 anos, divorciada, natural do interior de Minas Gerais, ensino superior completa na área de engenharia, aposentada, grupo familiar composto por 3 membros e renda aproximada de 3 salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio GreenVille – Vitória da Conquista onde mora há 12 anos, não dispõe de nenhum meio de transporte individual próprio.</p>	<p><b>Oásis</b></p>	<p>Conquista para mim foi um oásis, sabe? Porque as outras cidades todas em que eu já morei eu já passei por situações bem complicadas, bem difíceis, já morei em muitas cidades, muitos locais e Conquista para mim é um oásis, tanto emocionalmente, quanto hoje em dia porque minha família mora aqui também. E é a cidade mesmo, eu gosto muito daqui. Eu me sinto como se eu tivesse nascido aqui, como se seu fosse conquistense. Eu vim em 1994 para fazer agronomia, formei em 1999 fiquei até o ano 2000 e voltei no final de 2008 e nesses oito anos tudo que eu queria era voltar para Conquista. (risos) só pensava em voltar para Conquista.</p>
<p>Fonte: Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais [Metáfora]. Elaboração: Mares (2022).</p>		

Tomando o cotidiano urbano como organizado pelo consumo burocraticamente dirigido, Lefebvre (2021) aponta uma dada manipulação no que diz respeito à constituição de necessidades ou, antes, ao que definia o cotidiano no movimento dialético triádico necessidade-desejo-gozo. Para tanto, desvendar as dimensões do cotidiano demanda um estudo das representações, o que considera a análise crítica dos simbolismos, dos imaginários social e individual e da cultura.

Os apontamentos destacados de busca por uma qualidade de vida têm sido motivo para o direcionamento de uma parcela da população para os habitats residenciais fechados. Esses empreendimentos tendem a reorientar as práticas dos sujeitos moradores com base em uma otimização e enquadramento dos modos de comunicação e comportamento, conforme perfil atribuído a tal habitat pelo marketing imobiliário. Alude a uma programação das práticas, do tempo e do espaço, ou como diz Alda, uma de nossas entrevistadas, é a tentativa de mandar embora o sol.

Por sua vez, o espaço visto como campo de possibilidades permite conceber o virtual, isso é, a produção de um espaço diferencial que se opõe ao homogêneo, fragmentado, hierarquizado e contempla o uso tendo como ponto de partida o vivido como obra que incorpora a utopia, “[...] O espaço torna-se o lugar e meio da emergência e realização das diferenças”. (Carlos, 1996, p. 134).

A metáfora, em nosso caso, constitui-se como síntese, como objetivação, isto é, quando materializam-se por e através da experiência urbana e são acessadas desde instrumentos e procedimentos deflagradores da ação (croqui), do sentido (categorização) e da significação (metáforas). Trata-se, assim, de uma possibilidade nos estudos urbanos, de investigar um objeto/problema da cidade/do urbano desde um processo de apreensão da subjetividade e do imaginário na cidade, do espaço urbano. Trata-se de entender a metáfora como estrutura e movimento, separação e articulação da sensível e do real. Como estrutura, lida com o pensamento, com a criação de conceitos. Como movimento, traduz-se numa forma de linguagem de uma sociedade que se movimenta com o tempo. Isso posto, nossa elaboração caminha na conformação do que denominamos de um procedimento de metaforização socioespacial.

As práticas espaciais cotidianas refletem e são reflexo da compreensão metafórica das experiências urbanas em diferentes ritmos espaço-temporais, abarcando, pelo próprio caráter da cotidianidade, um tempo passado, uma projeção de futuro, mas que ganha concretude e importância no estrito presente. E, na busca pelo sentido, pelo significado, deve-se pensar tais práticas desde o lugar do Sujeito no complexo modo de vida, socialmente constituído, de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (na mente) adquiridas nas/pelas experiências práticas (condições específicas de existência) orientadas constantemente para funções e ações do agir cotidiano (Bourdieu, 1996). Por intermédio da metaforização socioespacial, identificamos as representações da fragmentação socioespacial nas cidades baianas pela análise do movimento dialético das vivências individuais (cada morador, cada habitat, cada cidade) que nos permitiram elaborar e explicar os conteúdos e significados da experiência urbana (coletiva), já que a dimensão social do imaginário vivido estende-se à dimensão da prática espacial coletiva, da vida em comum.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

Os habitats residenciais fechados são condição e meio da realização de uma dimensão particularizada (porque se dá na esfera particular e no espaço privado, em oposição à esfera e aos espaços públicos e porque ocorre em partículas da cidade) e de individualismos (no plural, porque não são individuais e atinentes a um indivíduo, mas a um construto social de segmentos e grupos). Trata-se, no plano mais amplo, de um novo modo de viver a cidade e de viver o urbano, paradoxalmente, pela desconstrução da ideia de cidade e de urbano.

Essa dinâmica na produção social do espaço tem sido verificada em centros urbanos não-metropolitanos e, por isso, o destaque a algumas cidades médias da Bahia, nas quais identificamos um expressivo processo de expansão territorial urbana, sobretudo, pela incorporação de novas áreas destinadas a habitats residenciais fechados. Referimo-nos, assim, a uma transformação profunda, pois, não é apenas uma alteração na estrutura urbana e nas formas espaciais, ela é política, pelo papel do Estado e pela visão dos agentes envolvidos. É, também, uma transformação cultural e social, mas é, sobretudo, uma mudança na visão societária e na visão de mundo, que implica e decorre, dialeticamente, numa divisão do espaço onde há fissuras na tecitura urbana, que mudam a qualidade dos sentidos público e coletivo de uso do espaço.

## 5. REFERÊNCIAS

---

- ALMEIDA, S. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BAUDRILLARD, J. Simulacros e simulação. Lisboa: Relógio d'Água, 1991, 201p.
- DUHAU, E.; GIGLIA, A. El orden metropolitano contemporáneo: entre la fragmentación y la interdependência. In: DUHAU, E.; GIGLIA, A. Metrópoli, espacio público y consumo. México: Fondo de Cultura Económica, p. 27-62, 2016.
- FIGUEREDO, A. A. de. Espaços residenciais fechados em Feira de Santana (1987-2018): uma análise do direito à cidade. 2019. 141f. Relatório Técnico (Mestrado Profissional) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial, Feira de Santana, 2019.
- GONZALEZ, L. Por uma feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GOTTDIENER, M. A produção social do espaço urbano. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, 310 p.
- HOTTOIS, G. Le règne de l'opérateur. In: PRADES, J. Latechanoscience: las fractures des discours. Paris: L'Harmattan, 1992, p. 179-197.
- JANOSCHKA, M. El nuevo modelo de la ciudad latinoamericana: fragmentación y privatización. EURE (Santiago), vol.28, no. 85, p. 11-20, dic. 2002.

- JOVCHELOVITCH, S. O estudo empírico das representações sociais. In : GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). Textos em representações sociais. 2. ed. Petrópolis: Vozes. p. 85-108.
- LEFEBVRE, H. A linguagem e a sociedade. Lisboa: Ulisseia, 1966.
- LEFEBVRE, H. El manifiesto diferencialista. México: Siglo XXI Editores S.A, 1972.
- LEFEBVRE, H. Elementos de ritmoanálise: e outros ensaios sobre temporalidade. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2021, p.47-134
- LEFEBVRE, H. La producción del espacio. Madrid: Capitán Swing, 2013.
- LEGROUX, J. A triplicidade do espaço e das práticas cotidianas de mobilidade para o estudo da fragmentação socioespacial. GEOgraphia, vol: 23, n. 51, 2021, p.1-19, DOI: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2021.v23i51.a47518>
- LINDÓN, A. O bunker house e a desconstrução da cidade. Liminar. Estudos Sociais e Humanistas, Centro de Estudos Superiores do México e da América Central San Cristóbal de las Casas, México. vol. IV, n. 2 de dezembro de 2006, pp. 18-35.
- MARES, R. M. A dimensão afetiva na experiência urbana: os sentidos do habitar na cidade contemporânea. Revista Geografia em Atos (GeoAtos online) - Afetos e emoções: abordagens teórico-metodológicas na análise do Espaço Geográfico - v. 05, n. 12, p.82-98, jul, 2019. DOI: <https://doi.org/10.35416/geoatos.v5i12.6555>
- MARES, R. M.; WHITACKER, A. M. Fragmentação socioespacial, mobilidade urbana e cotidiano na Bahia, Brasil. Papeles de Coyuntura 46, 304-327, 2019. Recuperado de: <http://repository.unipiloto.edu.co/handle/20.500.12277/9009>
- SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. Boletim Paulista de Geografia, nº54, p.81-100, junho de 1977. Disponível em: < <https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/1092/949>>. Último acesso em maio/2020.
- SERPA, A. Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia. São Paulo: Contexto, 128p., 2019.
- SILVEIRA, M. L. Globalização, Trabalho, Cidades Médias. GeoUERJ - Revista do Departamento de Geografia, Rio de Janeiro, nº11, p. 11-17, 2002.
- SOUZA, N. S. Tornar-se negro ou as vicissitudes da identificação do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- SPOSITO, M. E. B. Cidade. In: SPOSITO, E. S. (Org.) Glossário de geografia humana e econômica. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p.33-37.
- SPOSITO, M. E. B.; GÓES, E. M. Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- SPOSITO, M. E. B.; SILVA, W. R. da. Um tema, um livro, um debate – reestruturações e cidades médias. In: SILVA, W. R. da; SPOSITO, M. E. B. (Orgs.). Perspectivas da urbanização: reestruturação urbana e das cidades. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017. 230p.